



Cinema

Ano 1º
Nº 15

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Preço
1,00

Na Capa: — Lilian Harvey, a principal intérprete do filme «Dois Corações a Compasso»

Redactores:
João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bom Jardim, 436-3.
PORTO



Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00. Sem.
24\$00, Ano, 46\$00 —
Ultramár: Trimestre,
14\$50, Sem. 29\$00,
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

LOUCO POR JEAN HARLOW:
— Ah, seu felizardo, que tem neste número 15 um belo retrato da sua «Ela»! Quem é amiguinho?

1.^a — «Anjos do Inferno» deve passar aí em Lisboa, no «Condes», logo depois de «Luzes da Cidade». 2.^a — Esta revista tem um contrato com o «Trindade» para a publicação do retrato da capa. Depois, esse retrato serve para o programa. 3.^a — Qual o melhor filme de Jean Harlow? O meu caríssimo consulente, então você não sabe que ainda não apareceu em Portugal nenhum filme d'Ela? Os seus últimos filmes? Eles aí vão: «Hell's Angels», «Secret Six», «Iron Man», «Public Enemy», «Goldie» e «Platinum Blonde». Quanto às pernas da Marlene, ai!...

JE T'AIME, ANITA PAGE: — Aumentar a revista para 1\$50 e pôr mais páginas de «Correspondência»? Nem pensar nisso! E o meu ordenado, ficava na mesma?

Pois Você não torne a chorar quando vir fitas da Marlene, porque aquilo é tudo fita. Eu chorava, chorava... mas era por mais! Estou como Você quanto ao Marlenismo. Que mulher, que suco! Reparou na maneira como ela diz ao Víctor MacLaglen, depois que ele a insulta: «Give me a kiss!» É o palerma não lho deu!

Eu, confesso, também já vi alguns filmes que me fizeram chorar. Agora, falando sério. O primeiro, foi «Aos Corações do Mundo», de Griffith. O último, foi «Ver e Amar», da camarada Chianca...

JAIME ALVES PERES: — Então o meu amigo acha os argumentos pequenos? Leu os de «Fatalidade», «O Tenente Sedutor» e outros? Ou também quererá que se aumente ao preço da revista, para publicar mais páginas com argumentos? Quanto aos artistas portugueses, já outros disseram tudo o que havia a dizer, quando os filmes foram apresentados. Esperemos por novos filmes. A propósito, Você já subscreveu com uma acção para a «Sociedade de Filmes Sonoros Portugueses»? Ainda não? Então por que espera? Se quiser, mando-lhe um boletim de inscrição.

PAMPLINAS II: — Outro marlenico! E vão três... As fitas indicadas como «as 6 melhores fitas do mês», bem como «as seis melhores interpretações» são escritas por ordem alfabética, de modo que não quer dizer que

Correspondência

a primeira seja melhor do que a última. Quando é que se estreia «Douro, faina Fluvial»? Já perguntei ao Mendes, mas ele diz que é com o Oliveira. O Oliveira diz que é com o Mendes!...

JE T'ADORE, KATE DE NAGY: — Isso não vale! É plágio! 1.^a — Kathé von Nagy, Berlin-Grunewald, Winklerstrasse 1 (Alemanha). 2.^a — Póde pedir o n.º 1 para a Administração, juntando a quantia de Esc. 1\$00. 3.^a — Peggy Shannon fez nos últimos tempos «Secret Call», «Silance», «Road to Reno» e «Touchdown». Ainda se não sabe qual será o primeiro a ser exibido.

AMO A LILIAN: — Também eu, mas não digo nada a ninguém, por causa do Willy Fritsch! 1.^a — Os títulos originais de «Caprichos», «Flagrante Delito» e «Gesto Fidalgo» são, respectivamente, «Their Own Desire», «Flagrant Délit» e «Tide of Empire». 2.^a — O «Cinema» só aparece aí à terça-feira, porque o senhor distribuidor diz que ao domingo não se trabalha e que na segunda-feira está cansado... Ou talvez porque aqui na Administração... (Eu ia a dizer uma tolice, mas não posso; fica o meu emprêgo em perigo...). 3.^a — Não sei que fita é essa «Contrapezo», «Vida Fácil», de Constance Bennett tem o título orinal «Easiest Way».

Até à próxima. E cuidado com o W. F.

PRIMA DO SONORIFILISSIMO: — O director disse-me que já lhe enviou o postal de Henry Garat. Pergunta-me por qual me apaixonarei, se pela Claudette Colbert se pela Miriam Hopkins? Gostei muito de ambas, mas, desta vez, pude resistir, e o coração não se deixou levar... Talvez lembrança fresca da Marlene ou da Kate de Nagy! Não ha capas especiais para os folhetos publicados. Eu aborrecer-me com as suas cartas? Eu já disse que só me aborreço com quem me não escreve! De mais a mais consigo, a quem conheço tam bem. E à sua irmãzita, desde os tempos em que ambas, muito pequerruchas, iam todas as sextas-feiras ao «Passos Manuel». Como o tempo vò! Adeus, prima! Beijinhos à Guida!

UM ACADÉMICO: — Recebi o seu retrato, mas não posso publicá-lo, a

despeito da sua fotogenia. A julgar pelo pequeno retrato enviado, Você é bastante fotogénico. A sua cabeleira e o seu penteado até dão uns ares do Ramon Navarro! Quem ficou a invejar-lhe o cabelo foi o director. E com razão...

Olhe, tire alguns retratos em várias posições, corpo inteiro, perfil, etc., e mande ao Leitão de Barros. Quanto à devolução do retrato, Você esqueceu-se do principal: a sua direcção.

HENRIQUE CASTRO: — Mande duas ou três caricaturas a vêr se estão em condições. Depois a direcção da revista lhe escreverá.

SONORIFILISSIMO: — Seu maroto, foi passar a Páscoa a Santo Tirso e ainda por lá se encontra! Pois se não vem esta semana, arrisca-se a não ver «O Tenente Sedutor» senão em princípios da próxima época, quando fôr reexibido, porque esta temporada aquele filme não passará em «reprise». De Santo Tirso, só conheço o «Caroço». Para o sonoro da provincia, tem que haver um pouco de sacrificio de todos: os vendedores de aparelhos, baixarem aos preços; os donos dos cinemas, puxarem pelos cordões à bolsa, e o público, pagar um pouquinho mais, pelo menos em principio.

Se não acho bem curiosas as suas priminhas? Curiosissimas! Ou não fossem suas primas! Lembranças ao Mário!

DOIDO POR LOIRAS: — Pelo amor de Deus, não me fale tam cedo na Marlene! Dê-me um descansosinho, sim? E' que, de contrário, tem que passar outro número sem secção de «Correspondência». Eu fico tam nervoso, tam não sei como, quando vocês me veem cá lembrar as pernas da Marlene, os olhos da Marlene, a voz da Marlene, que nem me apetece escrever mais nada. Apetecia-me mas era comprar um bilhete para Hollywood, umas luvas de boxe, pôr *knock out* o Von Sternberg e... pronto! Marlenico *for ever*!

Já estão proibidos de falar, por enquanto, na Sylvia Sidney. Agora, passa a ser proibido falar, durante um mês, na Marlene Dietrich.

NAGYFILO: — 1.^a — «Loucura de Monte-Carlo», com Jean Murat e «A Princesa Encantadora» («Ronny»), com Marc Dantzer. 2.^a — Vê-la-á muito brevemente em «Um homem feliz», com Jean Murat.

EU SEI TUDO.



O nosso velho conhecido Prince (vocês lembram-se do Salustiano das antigas fitas da "Pathé"?) reaparece no excelente filme francês "Partir" tirado do romance de Roland Dorgelès, com Simone Cerdan, Ginette d'Yd e Jean Marchat

O Cantinho dum Cinéfilo

Agora que os filmes educativos estão na ordem do dia, e que para eles está voltado o interesse das entidades oficiais competentes, não seria fora de propósito pôr em relevo as falhas constantes que se veem por essas legendas de filmes exibidos em Portugal, faltas dos mais variados gêneros, que vão desde a simples inversão de letras à incorrecção de pontuação — e esta é a que mais freqüentemente se verifica.

Proibiu-se ha muitos anos a exibição de filmes com legendas em espanhol (alguns episódios de «Os Mistérios de Nova-York» ainda passaram com legendas em castelhano), proibição muito justa, que a dignidade de todos nós não podia senão aplaudir. Mas nunca se exerceu uma fiscalização rigorosa sobre as legendas em português, como era de absoluta necessidade. E agora, que todos os filmes, antes de exibidos em público, são vistos pela Inspeção Geral dos Espectáculos, a ela compete velar pelo assunto. Em meu entender, é mais prejudicial uma legenda em mau português, do que certas cenas guilhotinadas pelas tesouras da Censura...

Não quero, com isto, pôr em dúvida o saber dos camaradas que redigem tais legendas. Conheço, de quasi todos, o talento, a competência para tal missãõ. O mal vem, principalmente, do fabrico em série de tais legendas, sempre à última hora, numa provocação de faltas que a revisão de provas, do mesmo modo apressada, difficilmente corrige.

■ ■ ■

Mas se a gravidade das legendas é grande, maior é a das apresentações faladas em português, e para essas é que é preciso uma rigorosa censura.

Tenho em mente três exemplos de «palração *preto-guesa*» que é preciso evitar. O primeiro, num documentário da «M-G-M», que acompanhou o programa «Romance» no «São Luiz», de Lisboa. Tratava duma viagem a Marrocos, explicada em português, e o nosso locutor, em determinada altura, zás, lá fala em «manifestações *hóstis*», fazendo grave a palavra aguda. Os outros dois, no «Jornal Pathé», que freqüentemente apresenta cenas com explicações feitas por um português residente em Paris, mas numa dicção desagradável, por vezes gaguejante. Num deles, ha dias passado no «Trindade», o nosso homem, dando expli-

cações sobre determinado vulcão, falava, por duas vezes, em *crâtera*, fazendo esdrúxula a palavra grave; no outro, em exhibição esta semana no «Aguia d'Ouro», o nosso amigo, referindo-se à vida do ex-imperador Guilherme II da Alemanha, em Doorn, diz que o *is-kaiser* (em vez de ex-kaiser), exilado em Doorn logo após o *Armestricio* (em vez de Armistício), etc., etc., completando a sua narrativa com um bocadinho de gaguejo, afirmando que, para suavisar o seu exilio, o *is-kaiser* apenas conta com o carinho da princesa com quem ele ca... ca... casou...

O público, a maior parte do público, riu. As faltas eram demasiado flagrantes para que passassem em claro. Mas quantos espectadores ficariam julgando que se diz *hóstis*, *crâtera* e *armestricio*, em vez de *hostis*, *cratera* e *armistício*?

■ ■ ■

Eu não sou dos que creem na colônia portuguesa da América para uma boa amortização dos filmes que possam ser feitos em Portugal. Pode vir de lá uma contribuição, mas pequena. E mal vão os nossos futuros produtores, se confiam demasiado no ouro que possa vir dos portugueses do lado de lá.

No entanto, creio bem que a colônia portuguesa da América compensaria lucrativamente a exploração duma cópia, e de estranhar é que «A Severa» ainda não tivesse sido apresentada na América. Já lá passou o filme russo «Caminho da Vida», o suéco «Brokiga Blad», o judaico «Zein Weib's Lubovnick», o italiano «La Canzone dell'Amore», a tcheco-slovaco «Fidlovacka», não falando já na quantidade enorme de filmes alemães que todos os dias passam nos cinemas americanos.

Não pretendia para «A Severa» uma *première* de dois dólares no «Roxy» ou no «Paramount», de Nova-York. Apenas me parecia lógico que o filme já tivesse passado nas cidades onde a colônia portuguesa é mais numerosa, em Fall River, em New-Bedford, em Lowell, no Estado de Massachusetts, em Oakland, no Estado da Califórnia, etc.

A colônia suéca ou a colônia tcheco-slovaca não serão maiores que a portuguesa — e já passaram na América filmes em suéco e em checo. Parece-me bem que «A Severa» não desagradaria aos portugueses de New-Bedford ou de Oakland...

Se não fôsse o sonoro...



Alguns artistas do mudo que continuam a triunfar no sonoro: Buster Keaton, Gary Cooper, Nancy Carroll, Richard Barthelmess e Norma Shearer

As revistas de cinema apregoam esta verdade todos os dias: o microfone fêz e desfêz celebridades com uma facilidade impressionante.

O micro é um objecto que espalha o terror, um tirano a quem se obedece cegamente... Três anos depois do aparecimento do cinema sonoro ainda ninguém conseguiu subjugá-lo...

Ha quem tenha por êle uma grande veneração, um grande respeito... E' que êle comunica uma emoção de principiante às vedetas que recomeçam a sua carreira e arriscam a sua sorte em três frases que o filme regista...

O micro foi a infelicidade das ingénuas tímidas e envergonhadas cuja voz evoca irresistivelmente as regateiras do Anjo ou do Bolhão, — e dos galãs sedu-

tores e abrihantnados cuja fala áspera se parece com a de um carregão de esquina...

Mas ao lado destes «desprotegidos da sorte», quantos actores não devem ao cinema sonoro e falado a sua notoridade, uma consagração definitiva depois de longos anos de esforços vãos?

Ao princípio com um entusiasmo crescente, todos os nomes mais ou menos famosos do café-concerto, do teatro e do «music-hall» se atiraram com unhas e dentes à nova invenção... A cantora, de lágrimas opulentas, dava gritos angustiosos... O tenor, com a mão sôbre o coração, cantava a ària dos «Palhaços» enquanto os «dêcores» de tela pintada tremiam de medo...

Depois assistimos a algumas verda-

deiras revelações. Alguns artistas do cinema, que até então tinham vegetado sem encontrarem ocasião de se afirmarem, encontraram rapidamente o caminho que conduz à glória e à consagração definitiva. Até os pequenos actores do teatro se conseguiram impor de uma maneira admirável...

Sim, se não fôsse o cinema sonoro não teríamos tido a magnífica revelação de Marlene Dietrich, — essa mulher fatal que ha dois anos obtinha um sucesso mediocre nos palcos berlineses. A sua voz quente e indolente ficaria desconhecida, e desconhecido igualmente êsse acento desesperado que ela tem quando canta a extraordinária canção «Amorosa dos pés à cabeça»...

Maurice Chevalier, a despeito da sua grande popularidade, não teria atingido a sua actual celebridade universal sem o socorro inesperado que lhe trouxe o cinema falado para a propagação das suas cançonetas brêgeiras.

Gaby Morlay teria continuado no teatro do «Gymnase» a fazer criações eternas das peças de Henry Bernstein, — pois que ela propria afirma que nunca gostou do cinema mudo.

Se não fôsse o sonoro...

Não teríamos provavelmente visto na tela branca um Al Jolson perder sucessivamente o pai, a mãe, a mulher e o filho, e, vestido de negro, clamar o seu desespero com tremuras de voz.

Jean Murat não teria visto a sua personalidade afirmar-se de um modo tam decisivo. E a Annabella, e a Marie Glory... A Marie Glory do nosso director!

Jeanne Helbling, Suzy Vernon, Huguette ox-Duflos, Tania Fêdor, André Berley, Charles Boyer não teriam conhecido Hollywood...

O Buster Keaton encontrou no cinema sonoro um grande número de «gags» de efeito... Gary Cooper e Richard Barthelmess tambem valorizaram extraordinariamente as suas criações filmicas... E a Norma Shearer, e a Nancy Carroll...

... E a Dina Teresa, a Corina Freire, a Beatriz Costa, o Silvestre Alegirim e o Estêvam Amarante não teriam feito um filme falado em português...

Um homem célebre

O jovem realizador Pierre Bertin filmava «La femme de mes rêves» quando reparou num «extra» cuja figura pitoresca e ridícula o divertiu.

Pierre Bertin, ao terminar a cena, mandou-o chamar e perguntou-lhe:

- Como se chama você?
- Victor Hugo, senhor.
- E' o seu verdadeiro nome?
- Palavra de honra que é!
- Você tem um nome célebre...

— De facto, responde o figurante; é que já entrei em vários filmes e não me tenho saído mal...

Um artigo de Charlot

Como faço rir o mundo

Não ha nada de misterioso no meu sentido cómico no «écran». Apenas me tenho esforçado por descobrir algumas simples verdades sôbre a natureza humana, e sirvo-me dèstes conhecimentos para o meu trabalho. A base de todo o sucesso não consistirá unicamente num perfeito conhecimento da natureza humana, quer se trate dum comerciante, dum hoteleiro, dum editor ou dum actor?

O que ha de melhor na minha arte aprendi-o em Londres, na companhia de pantomimas de Fred Karno, que nos seus espectáculos, mantinha as tradições clássicas do humor sádico. —

Ladrões de bicicletas, jogadores de bilhar, bêbedos que entram tarde em casa, lições de «box», o cantor que está quasi a cantar mas perde a fala, o prestidigitador que se engana nos seus truques, — tais eram os temas dos quadros oferecidos pelo programa do «comic show», do espectáculo cómico inglês, — numa palavra, da pantomina do século passado. Havia nestas cenas um ritmo inacreditável e um poder de síntese que era o resultado de uma sábia mistura de todos os géneros.

* * *

Tenho muitas vezes perguntado a mim mesmo se teria algum sucesso na pantomina sem a influencia da minha mãe. Ela era a mais espantosa imitadora que conheci. Quando o meu irmão Sydney e eu eramos ainda petizes e habitavamos num quarteirão pobre de Londres, perto de Kenningtonway, a nossa mãe gostava de estar horas inteiras à janela e a reproduzir com as mãos, com os olhos e com a fisionomia tudo o que se passava na rua. Foi espiando e observando os seus gestos que aprendi não sómente a traduzir as minhas emoções com as mãos e com a cara, mas também a estudar a humanidade. A sua força de observação tinha qualquer coisa de sobrenatural.

Este modo de observar a gente foi o ensinamento mais precioso que recebi de minha mãe. Foi gra-

ças a este método que consegui descobrir as coisas que encobrem certos elementos cómicos.

* * *

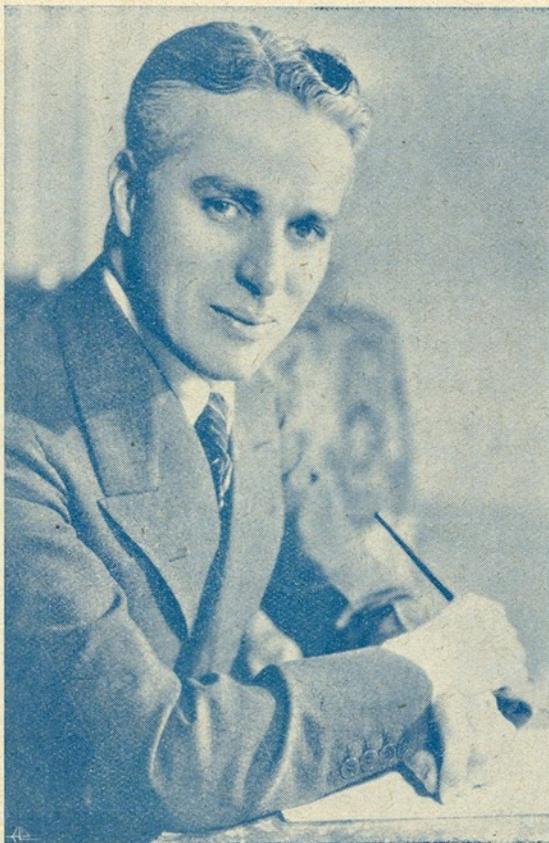
Tinha dezassete anos quando fui contratado por Karno. Nos «Cómicos Londrinos» representava pequenos papéis e afadigava-me constantemente — cheio de entusiasmo. — Foi com a «troupe» para a

América; voltamos novamente a Londres; tornei a New-York e de novo voltei à Inglaterra, e, durante quatro ou cinco anos, trabalhei para aprender o meu repertório com uma técnica nítida e sugestiva.

Disto servi-me mais tarde no estúdio, em «Charlot no Music-Hall, no monólogo do «écran» «Charlot noctâmbulo» e na minha comédia «O circo». «Charlot noctâmbulo» foi decalcado directamente da comédia mimada do mesmo tema. Na cena, Fred Karno representa o papel do «cavalleiro ligeiramente comovido» e os móveis, os tapetes e os outros diversos acessórios eram interpretados pelos actores. Daqui resultava uma algazarra dos diâ-bos!

Todo este amontoado de cambalhotas apresentava uma grande analogia com o jogo dos «clowns» do circo daqueles belos tempos. E isto faz-me lembrar que apenas foi necessário um pequeno salto perigoso para me deitar sempre para fóra do mundo da pista, — porque, sendo criança, tinha andado na aprendizagem para acrobata. E' um verdadeiro drama a vida duma criança dada a acrobacias! O pimpolho, às vezes um orfão, é tomado por uma familia de acrobatas que o adentra. Dará quedas que lhe partirão os ossos, mas, com a continuação, ele aprende...

la fazer um exercício que me aterrava bastante: devia ser atirado ao ar pelos pés dum acrobata. Estava quasi a fazer este exercício com perfeição, mas, um dia, ao dar um duplo salto mortal, caí sôbre um dedo e fracturei-o: o acrobata, com os pés, tinha-me lançado muito longe. Sem este desastre, teria continuado a fazer parte da «troupe» e ficaria no



circo durante toda a minha vida. Quem sabe?...
* * *

A primeira vez que trabalhei na pista tinha apenas oito anos. Era no «Transfield's Circus», um circó instalado numa grande barraca de madeira em Middlesbrough (Inglaterra). Nesta época eu era um pequeno dançarino e o «clown» Rabbit inspirava-me um grande desejo de ser «clown». Rabbit era muito divertido na pista, mas muito grave na vida. Simpatizava com ele e admirava-o. Tinha inveja de não ser cómico! A sua popularidade impressionava-me vivamente. Toda a cidade estremecia com ele. Nesta época, o humor dum «clown» era improvisado. Rabbit nunca sabia antecipadamente o que iria parodiar. Olhava atentamente um novo número e em seguida aparecia e executava a sua paródia.

Ele sósinho era verdadeiramente um espectáculo completo, — porque era prestigioso, cavaleiro, acrobata e mímico.

Antes de encontrar Rabbit nunca tinha pensado em me tornar cómico. Eu era gordo e pequeno e o meu irmão Sydney tinha o hábito de me dizer: «Hás-de ser um grande cómico, um dia!...» Eu ficava com uma violenta cólera, porque, nessa época, não queria ser um grande cómico, — queria ser um grande trágico!...
* * *

Depois do aparecimento do filme falado tem dito muitas coisas de mim, e a maior parte delas inexactas. A verdade é que o filme falado me fascina ao mesmo tempo que me irrita e me assombra. Ele deve perdurar, mas penso que não sob a actual forma. A novidade cativa as multidões, sempre tam cegas que não percebem como é pobre sob o ponto de vista artístico o que lhe apresentam actualmente.

Em «As luzes da cidade» não me sirvo do diálogo, mas penso que o acompanhamento da orquestra responderá a todas as esperanças do cinema sonoro. Sou o autor de toda a partitura deste acompanhamento, e compo-la de tal modo que se adapta exactamente ao character e à natureza do meu personagem. Cada um dos meus gestos, cada um dos meus movimentos terá a sua correspondência musical.

Desejo que na realidade a música de acompanhamento e a melodia escolhida como motivo-base forneçam por assim dizer, um «arrière-plan», à acção, que sirvam de suporte, de estôfo.

Em tudo isto não há nada de misterioso, e eu apenas posso dizer aos que se interessam pelo meu trabalho que unicamente me esforço por observar, por ver, por perceber, por compreender. Eis todo o meu segredo!

CHARLIE CHAPLIN.

C
I
N
E
M
A
6

Os exhibidores ingleses vão protestar contra os pesados impostos que os sobrecarregam. A não serem aliviados desses encargos, calcula-se que uns 500 cinemas fecharão durante o verão.

Samuel Rothafel, o fundador do cinema «Roxy», de Nova-York, projecta construir brevemente, na Radio City, um cinema de 3.500 lugares.

Biografias

Ivan Petrovich

Artista de personalidade original e forte, que sabe salvar por si só as situações mais comprometidas, Ivan Petrovich interpreta com justeza os «tipos» mais difíceis e opostos. E' o que se chama um verdadeiro artista, um actor de «box office» que se formou sem passar calamidades e a quem a arte cinematográfica foi familiar desde o instante em que pisou um estúdio.

Muitos creem que Ivan Petrovich é russo; mas nada tam longe da verdade, porque nasceu em Novi Sald, na Sérvia, e é filho de uma família que disfruta uma desafogada situação.

Quando Ivan chegou a Paris, já a engrenagem da grande cidade se havia mobilizado ao impulso das correntes modernas. Respirava-se mais tranquilidade, lu-



Ivan Petrovich

zia um arco-iris de paz e o fantasma da conflagração mundial não era senão já uma vaga lembrança próxima a desvanecer-se. A guerra tinha ficado para trás.

As primeiras películas de Ivan Petrovich foram feitas sob a direcção de Leonce Perret. Todavia, há quem assegure que o seu verdadeiro descobridor foi Rex Ingram, que o contratou para fazer o protagonista, ao lado de Alice Terry, do filme «O mágico domínio», película que o elevou à categoria de «az» e o fez popular em todo o mundo. Depois, já seguro de si mesmo, filmou outras películas: «O jardim de Alah», «O Principe Orloff» e «As três paixões».

Da sua primeira época recordaremos um facto que reflete de maneira palpável não só a sua grande paixão pelas mulheres mas também o seu temperamento varonil. Tinha então Ivan Petrovich uma amante loira e formosa a quem prodigalizava toda a especie de mimos e vestia com um luxo asiático. Ela, que parecia estar tam enamorada do artista, tinha outro galã... Um dia a parelha foi sur-

preendida pelo actor, vendo-se «o outro» obrigado a sair por uma janela e desaparecendo «ela» para rumo desconhecido... Tudo foi, como é natural, obra dos seus braços e da sua aguda inteligência... Desde então pode dizer-se que Ivan Petrovich não quis ligar-se a nenhuma mulher. Muitas são as que cruzam o seu caminho; mas a nenhuma prodigalizou tam doces e sentidas carícias como aquela... Prefere agora divertir-se com todas sem se prender com nenhuma...
Além das suas qualidades cinegráficas, este artista possui outras que o acreditam como homem inteligente e estudioso. Verdadeiro poliglota, fala na perfeição seis ou sete idiomas. Dedicou-se a todos os desportos: monta a cavalo, atira à arma, e representava o seu país nas Olimpíadas de Estocolmo quando se começou a dedicar ao cinema.

Ivan Petrovich passa a maior parte do tempo na sua vivenda em Méca. Por vezes vai a Paris em busca de distrações ou empreende uma nova aventura amorosa pela Costa Azul; mas depressa se cansa e volta para o seu retiro, uma esplêndida casa meio bazar meio museu que se eleva num dos lugares mais formosos da capital dos Alpes Marítimos...
—

Os filmes da «Ufa» em Paris

Os filmes da «Ufa», cantados e falados em francês, continuam a obter em França o maior dos sucessos. Assim, «Dois Corações a Compasso», com Lillian Harvey e Henry Garat, exhibido em França sob o título «La Fille et le Garçon», conserva-se há 7 semanas em cada um dos cinemas «Agriculteurs» e «Bonaparte»; e «Le Vainqueur», que entre nós será exhibido com o título «Um homem feliz», interpretado por Kate de Nagy e Jean Murat, está há 4 semanas no «Marilyn».

Nesta semana fazem anos:

De 30 de Abril a 5 de Maio

Abril 30 — David Manners (30).

Maio 1 — Leila Hyams (27).

1 — Josephine Dunn.

1 — Rose Hobart.

2 — Norma Talmadge (35).

2 — William Bakewell (24).

3 — Juliette Compton.

4 — Maria Korda (30).

4 — Hélène Darly (30).

5 — Alice Howell.

Um acôrdo «Paramount»-«Mack Sennett»

Por um acôrdo ha dias realizado entre Emanuel Cohen, vice-presidente da «Paramount», e Mack Sennett, aquela casa passará a fazer a distribuição de todas as comédias que Mack Sennett produzir.

— «Teve sorte...»

De qual «estrela» adulada e querida não ouvimos dizer esta frase? E vocês próprios não a murmuram uma vez por outra quando veem nesta revista uma fotografia da Marlene Dietrich ou um artigo sobre Greta Garbo, suficientemente evocadores, que provocam alguns minutos de exaltação?

— «Teve sorte...» Este suspiro contém admiração, inveja, todos os sonhos que fazem nascer um destes personagens um pouco fantásticos a quem vocês nunca pensaram com descoroçoamento ou ambição como seria bonito ver a chegada desta primeira sorte, deste brinde da fatalidade que subitamente transforma toda uma existência?

Acredita-se muito facilmente que o aparecimento de uma «estrela» foi motivado apenas por sorte. Esquecem-se os *débuts* deprimentes, os momentos desmoralizadores dos maus dias... Escreve-se muito sobre os ordenados das «estrelas», sobre os seus amores... Mas muito pouco sobre a sua coragem, e sobre as lutas subterâneas dos primeiros anos. Fôra três ou quatro casos autênticos de formidável sorte, todas, quasi todas fizeram sósinhas a sua carreira — quer tivessem sido desesperadamente perseverantes, quer tivessem sido ajudadas por um destino mais ou menos cúmplice e risinho.

* * *

Constance Bennett, Ruth Chatterton, Norma Shearer, Marlene Dietrich, foram nomes que não brilharam dum momento para o outro, por milagre, como fogos de glória. A sempre perfeita Ruth Chatterton ainda não esqueceu os seus dezassete anos, — quando passava todos os dias e obstinadamente por um empresário, que respondia não menos obstinadamente: «Ainda não tem trabalho, Miss Chatterton»... E ela respondia sempre: «Obrigada... Voltarei amanhã...» E quando fechava a porta, o seu falso sorriso de indiferença polida abria-se perante a perspectiva duma nova caminhada através da rude Nova-York... Não possuía nenhuma experiência da cena, não sabia nada, mas sentia que podia tornar-se uma grande atriz... Por fim, encontrou um pequeno contrato em Washington e começou a fazer o seu nome...

Norma Shearer também não tinha experiência nem dons. Calculem vocês que até tinha uns dentes feios e umas pernas mal talhadas, que faziam esquecer a linha do seu corpo juvenil. O grande Griffith disse-lhe um dia, já farto de a aturar: «Não persista... Os seus olhos azues não dão nada nas fotografias...» Afinal, — Norma enfeitou os «régisseurs», os assistentes, os realizadores, e finalmente foi contratada por um produtor... E parece-nos bem que ninguém se arrependeu deste contrato... Norma Shearer é uma atriz que sabe ser atriz...

Nada de desanimar!

Apareçam as "estrelas" portuguesas!

E Glória Swanson... Olhando para trás, Glória revê anos de sucesso e anos duros, sem esperança, devorados por um trabalho incessante, pela publicidade, pela necessidade de ganhar, de pagar as suas contas, de agradar ao público...

Foi também no meio de uma carreira mediana, que Marlene Dietrich teve a sorte de ser «inventada» por Joseph von



Betty Compson, um modelo de persistência a seguir. Esta artista é uma das que só viu o seu nome brilhar depois de muitos anos de trabalho esgotante.

Sternberg... Quantos anos não passou numa mediocridade rotineira!...

Mas é necessário não se contentarem por esperar a sorte, é preciso avançar, e, principalmente, prepararem-se para a grande batalha... As atrizes bem sabem que as colegas trabalham, cultivam-se, aperfeiçoam-se, — e que mais tarde poderão adquirir uma grande reputação entre os produtores, os realizadores, os críticos... e o público, o grande crítico.

Vocês pensam muitas vezes em fazer cinema. Sentem-se capazes de todos os trabalhos, de todos os sacrifícios... Não desanimem nunca!... Vocês pensam que as «estrelas» são muito belas, muito inteligentes, — e que vocês não são nada perto delas. Lembrem-se sempre de uma coisa: hoje esplendorosamente belas e

habilidosas, já foram como vocês: anónimas, desconhecidas, esperando a sorte com persistência, sem saberem se ela chegaria um dia, — esperando resignadamente um realizador interessado ou o chefe da distribuição que procurava caras novas no meio do grupo amorfo dos comparsas...

* * *

As «estrelas» começaram por ser simples mulheres, raparigas como vocês, instaladas na sua família, no seu escritório, no seu «atelier», na sua escola de dança. Se adquiriram finalmente uma personalidade notável e um encanto fascinante, foi sobretudo à força de vontade, de persistência, de teimosia, e graças ao talento de que sabiam tirar partido. Algumas, evidentemente, tinham já um pequeno nome na cena, no teatro, na dança; algumas saíram da obscuridade completa por meio de um concurso de beleza, como Clara Bow; outras casaram-se com realizadores, como Florence Vidor ou Dolores del Rio; mas também havia as que quasi estavam a morrer de fome num quarto frio com as paredes forradas com fotos das vedetas admiradas, como Dorothy Sebastian e Anna Q. Nilsson; e outras que encontraram o papel que lhes convinha sómente depois de muitos anos de trabalho estúpido, esgotante, como Betty Compson e Evelyn Brent...

Os americanos, é verdade, sabem maravilhosamente descobrir numa criatura ignorada o que se encontra escondido e que eles poderão desenvolver, aperfeiçoar. Lançam um nome novo e mandam para os jornais retratos inéditos que o público acolhe com um sorriso de dúvida. Mas um ano mais tarde, depois da futura grande vedeta ter sido «ensaiada» em papéis apagados, — um ano mais tarde, as sobranceiras mudaram de forma, para dar aos olhos, com a complicitade das pestanas postizas, um encontro novo... Os cabelos são mais raros ou claros, segundo a expressão do rosto... Um treino adaptou judiciosamente os músculos do pescoço, dos braços, e as pernas aparecem bem desen-

volvidas, desportivas... Um pouco de dança acrobática tornou a marcha mais leve e as atitudes mais livres... Enfim, vestiu-se a nova vedeta com *toilettes* que põem um valor a linha do seu corpo e sublinham os seus atractivos...

Esta transformação, bem entendido, não servirá para grande coisa se a debutante não está realmente dotada para interpretar personagens cinematográficos. Mas, aperfeiçoando-se a sua aparência exterior, deu-se-lhe a confiança necessária para se sentir livre e deixar à sua personalidade a vontade...

* * *

Que aprendam com este artigo as pretendentes ao título de vedetas nacio-

(Continua na página 15).

"Dois Corações"

Produção da «Ufa». Realização de Wilhelm Thiele.
Decoração de V. Arent et Schlichting.
Musica de Jeane Gilbert. Programa da Agência
Cinematográfica H. da Costa.

PRINCIPAIS INTERPRETES

Lilian Harvey Jenny Berger e Ria Bella
Henry Garat Victor
Lucien Baroux O duque d'Auribeau



O hotel Beauséjour tem em Vitor um gerente notável. Sempre serviçal, sempre no seu posto quando é preciso, é ao mesmo tempo o general dum exército de moços e de criadas que êle manobra com habilidade. Numa palavra, é o tipo perfeito de gerente.

Vitor é sentimental. Ha quatro anos que Jenny, sua mulher, o abandonou, e nunca mais deixou de pensar nela.

Mas em quatro anos uma pessoa muda muito. Jenny, uma cantora de inferior categoria, tornou-se «uma personalidade bem parisiense», graças à protecção dum velho nobre, muito rico, o duque de Auribeau. Um belo dia, appareceu no hotel Beauséjour sem aviso prévio, com o nome de Ria-Bela. Ia acompanhada de sua tia, Madame Bientôt, e seguida de perto pelo duque de Auribeau, que não podia passar sem ela.

Vitor fica encantado com a chegada da mulher que ama. Mas a 'desilusão é rápida; Jenny-Ria pretende divorciar-se. Sempre apaixonado, Vitor recusa. «Que fazer?» — pergunta Madame Bientôt a um advogado—. «Ha um único meio» — responde êle —. «E' necessário que o marido lhe bata».

Desde então, a paciência do pobre gerente é sujeita a uma rude prova. Não ha ridículos nem vexames que a bela esposa lhe não faça suportar. Mas no momento em que ia a perder a paciência, Vitor, a quem o advogado, linguareiro, tudo contara, conseguiu conter-se e mostrou um amável sorriso.

Desesperada, Ria toma a resolução de voltar para Paris.

Antes, porem, o duque de Auribeau contrata Vitor como mordomo. E' sobre Vitor que a senhora

terá de despejar as suas cóleras. O pobre duque pode estar tranquilo. Mas, trata-se duma surpresa. E outra surpresa é ainda para Vitor ver em Paris, na casa do duque, em cima da mesa preparada para um grande banquete, um cartão com estes dizeres: «Jantar de núpcias de Mlle. Ria Bela e do duque de Auribeau». Desta vez é demais. Vitor esbofeteia a mulher e parte, levando as malas.

Jenny Ria ignorava realmente aquela surpresa do duque de Auribeau e fica muito contrariada, tanto mais que, naquela mesma noite, tinha que estrear-se num *cabaret* da moda. Recusa apresentar-se, pretende ir em busca do marido. Madame Bientôt convence-a a que vá cantar, prometendo-lhe que mandará chamar Vitor à estação.

Encontramo-nos agora no elegante *cabaret* em que Ria-Bela vai estrear-se. O duque de Auribeau tinha oferecido alguns camarotes aos seus amigos do Jockey Club, mas a malícia de Maurício, tio de Vitor, mandara encher a sala com a gente da casa e os empregados do hotel. E', pois, diante duma assembleia de criados e criadas que Ria-Bela desempenha. Declama por forma pretenciosa, o seu vestido prende-se num alçapão e a pobre cantora é ruidosamente pateada. Ha um charivari indescritível; o pobre duque arranca os cabelos e Ria-Bela não está longe de ser corrida à batata.

Nesse momento, chega Vitor. Desolado por ver assobiar a sua querida Jenny anima-a a cantar e a dançar um dos seus velhos números do tempo das Folies-Grenelle. A sala é conquistada. Cada qual repete o

estribilho em côro. Vitor põe-se ao piano, ao lado de Jenny e o filme finda com o triunfo dos dois esposos, emfim reconciliados.

a "Compasso"



A Evolução do

Consideradas perigosas para a sociedade as tendências de que faz gala a cinematografia soviética, esta encontrou fechada a fronteira da maioria dos países. Bastava que um filme ostentasse o emblema russo para que fosse irremediavelmente proibida a sua exibição em certos países. Tratava-se de uma medida quasi geral, sem distinguir o valor artistico dos filmes.

Se algumas produções conseguiram chegar até aos nossos cinemas, foi depois de terem sofrido alguns cortes da nossa censura cinematográfica. «Tempestade na Ásia», «Ivan, o Terrível», «A aldeia do pecado», etc., sofreram esta sorte.

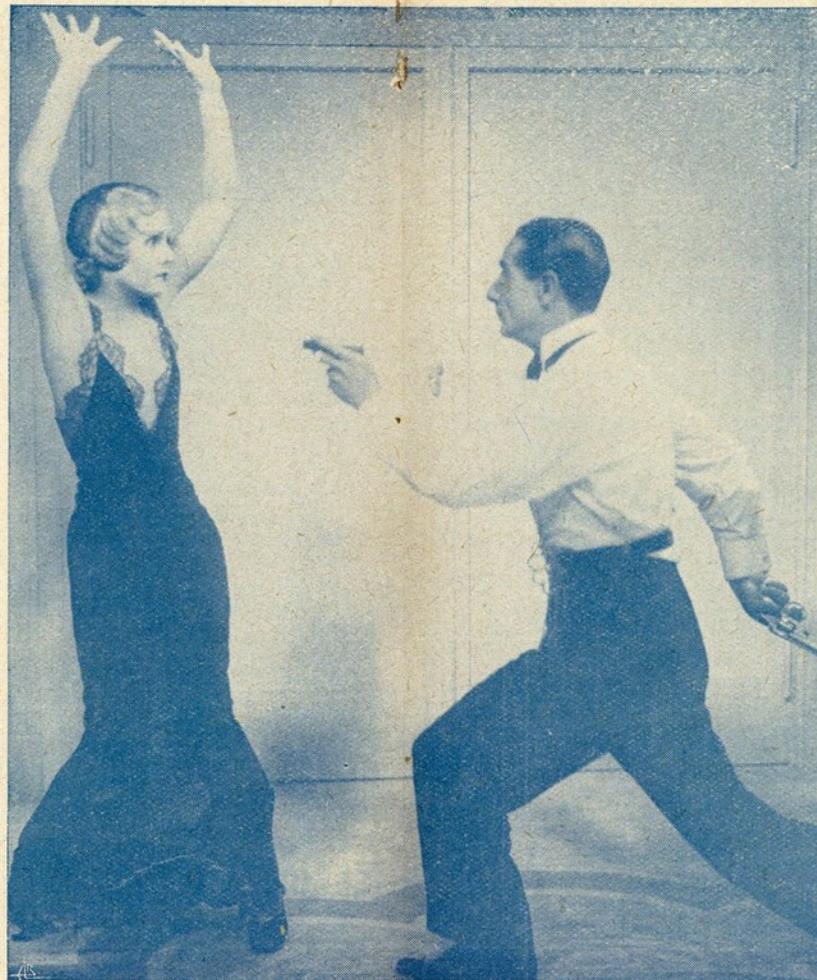
Os nossos importadores estavam de pé atrás, existindo entre êles uma precaução tam sistemática que chegaram a ponto de se esquecerem que ao lado daqueles filmes de fundo abertamente revolucionário pela índole dos seus temas e pela forma de os focar, havia outros que tinham um carácter nitidamente construtivo e cultural.

Este esquecimento foi muito lamentável, porque o filme russo oferece profundo material para estudo e ensino. Se outra coisa não nos consegue demonstrar, a verdade é que a U. R. S. S. soube compreender melhor do que nós o formidável elemento de difusão que é o cinema e soube utilizá-lo para a sua propaganda e para realizar um labor cultural e instrutivo muito eficaz.

E' muito reduzido, portanto, o número de filmes russos que tem passado pelos nossos «écrans», não sendo por conseguinte fácil emitir um juizo exacto sobre o seu valor nem estabelecer uma comparação com a cinematografia europea ou americana.

O que é preciso pôr em relêvo é que o filme russo veio patentear uma elevada qualidade e uma perfeita técnica.

Não fazendo caso do forte poder de atracção que exercem os temas que geralmente expõem, examinemos os filmes exclusivamente sob o seu aspecto cinematográfico e artistico, que é o único que nos interessa.



Cinema Russo

Forçosamente, temos de aceitar que estamos em frente de um novo estilo, assinalando quasi uma época, e daremos através deste exame com múltiplos valores da mais pura essência cinematográfica.

Com tendências ou sem elas, para o verdadeiro cinéfilo o filme russo tem um valor indiscutível: a técnica, a realização... Nêles põem-se em relêvo uma admirável intelligência directriz, uma realização apuradissima e um profundo sentido artistico.

A cinematografia russa, focando temas reais, de profunda vitalidade, anulando o divismo para dar lugar a um novo protagonista — a multidão —, gosou de grande entusiasmo pelo perfeito contraste que estabelecia com a cinematografia dos outros países, que ultimamente tem apresentado uma desesperante frivolidade de temas.

Porque todos os filmes soviéticos expõem quasi sempre uma idéa, um problema social profundo, comentam um feito trans-

cedental da sua vida, adiantam-se à palpante realidade actual. Tendem a destacar a vida do operário e do camponês, a pintar as realidades revolucionárias, sem se limitarem a episódios sentimentais ou psicológicos nem ao estudo de determinados meios e individualidades.

Considerando o filme como meio directo de educação geral, procuram destacar a sua necessidade de combater costumes ainda existentes e em plena incompatibilidade com a moral revolucionária, combatem o jugo estrangeiro em determinadas regiões, emfim, todos os problemas da mais vária índole da sua vida. Por isto, os filmes russos tem uma vida, um interêsse profundissimo e não podem ser olhados com indifferença mesmo nos meios politicamente opostos às suas concepções.

Acetemos que os seus filmes são geralmente tendenciosos; mas a cinematografia americana tambem é tendenciosa, — um material de propaganda norte-americana. Comer-

C
I
N
E
M
A
8

C
I
N
E
M
A

Ouvimos dizer...

que a estreia de «Luzes da Cidade», no «São Luiz», se fará logo a seguir ao filme actualmente em exhibição.

que o «Trindade» fechou contrato com a Agência H. da Costa para a exhibição dos dois filmes da «Ufa», cantados e falados em francês, «Le Vainqueur», com Kate de Nagy e Jean Murat, e «Le Petit Écart», com Jeanne Boitel e o conhecido cómico Lucien Barroux.

que aqueles dois filmes serão apresentados com os títulos respectivos de «Um Homem Feliz» e «Escorregar não é cair».

que «Um Homem Feliz» é uma excelente produção Erich Pommer, que está fazendo grande successo em Paris.

que a abertura do teatro «S. João», como cinema, se efectuará em fins de Maio.

cial neste caso, político naquele... Sabidamente organizada, a cinematografia russa está sob um plano previamente concebido dividindo as suas produções em filmes artísticos e sociais de carácter geral, filmes para os camponeses, de vulgarização científica, documentários, filmes para as crianças e pedagógicos. Todos são realizados de forma que pela clareza de exposição dos factos sejam compreendidos perfeitamente mesmo pelas pessoas mais incultas sem necessidade de esforço mental algum.

Com o aparecimento do cinema sonoro, a cinematografia russa teve de preocupar-se igualmente com a sua evolução, organizando-se por completo para assimilar a nova modalidade. E nela continua fiel ao seu estilo e ao seu programa.

As suas mais recentes produções no sonoro são «A Sinfonia de Donetz», de Dziga-Vertoff, e «O Caminho da Vida», de Nicolai Ekk, ambas realizadas com aparelhos de impressão do som fabricados completamente na U. R. S. S.

que é da marca «Phillipsonor» o aparelho sonoro a instalar naquele cinema.

que o «Águia d'Ouro» estreará a 9 de Maio a fita «Trader Horn».

que o sr. Alfredo Anjos, que está explorando o filme «Brasil Maravilhoso», de sua produção, vai começar no próximo mês de Maio a filmagem da película sobre Portugal.

que tal película será um documentário muito completo sobre o nosso país.

que será sonorizada depois de pronta, em qualquer bom estúdio estrangeiro.

que, para estudar melhor o assunto, o sr. Alfredo Anjos irá brevemente a França e Alemanha, enquanto seu sócio ficará aqui dando começo à filmagem.

que a 10 ou 17 de Maio o «Trindade» estreará o fonofilm francês «Partir», do romance de Roland Dorgelès, com Simone Cerdan, Ginette d'Yd e Jean Marchat.

que a Companhia Cinematográfica de Portugal tem a receber novos filmes alemães.

que entre eles figuram «A Grande Atracção» e «Milícia da Paz».

que Florence Vidor tinha estado ha dias no Porto.

que, afinal, apenas esteve seu marido, o celebre violinista Jascha Heifetz.

que o filme «Um príncipe que nunca amou», falado e cantado em espanhol, da «Fox», considerado a melhor produção do tenor D. José Mojica, passará ainda esta época no «Trindade».

que esteve em Lisboa o director da «M.-G.-M.» para Portugal e Espanha, Sr. Edelstein.

que veio dar posse ao novo director da aquela firma para Portugal, Sr. Lazare Léon.

As «estrelas» eclipsam-se

Houve tempo em que as estrelas de cinema eram forçadas a ter uma vida de grande ostentação; *limousines* de luxo, vestidos variados e caros, o lar convertido numa espécie de clube, concorrência às estreias com grande pompa e esplendor.

«O anuncio dá bons resultados», era a palavra de ordem nesses dias.

Havia luminárias que tinham de mandar incrustar, com diamantes, as suas iniciais em todos os acessórios de uso pessoal. Outras usavam vestidos de grandes quadrados, gravatas espaventosas, chapéus de feltro côr de marfim em todas as estações do ano. Tal havia que se não podia apresentar em público sem um par de laçoas de líbré e um galgo russo.

Era então uso estabelecido que as estrelas aparecessem em todos os lugares públicos, fizessem tudo quanto era possível para se tornarem conhecidas, convertessem a sua vida numa perene emoção.

Tudo mudou agora.

Hoje, as grandes celebridades do cinema buscam refúgio em toda a parte onde possam esquivar-se às vistas do público, reacção natural contra a invasão da sua intimidade que se seguiu aos dias de grande espectáculo.

Uma lista feita nos diversos «studios» revela que o desejo de isolamento arrancou muitas estrelas do centro populoso de Hollywood, levando-as para mansões alcandoradas no alto das colinas ou nas costas arcançadas do mar.

Vê-se também que as festas habituais na colónia do cinema passaram de moda e que as luminárias do *écrian*, até aqui dadas às reuniões, as consideram agora aborrecidas e de mau tom.

Clarke Gable, por exemplo, desertou do brilhante bulevar de Hollywood, indo procurar uma recôndita morada nas colinas e afastando-se da ruidosa multidão dos adoradores dos heróis. Raras vezes assiste a uma estreia e nunca se apresenta pessoalmente nos palcos.

A Garbo, como é sabido, nunca vai a nenhuma parte. Vive num palacete à beira-mar. Quasi nunca recebe e leva uma existência de eremita. Em certas ocasiões, veem-na errar pela praia passando entre as casas por ali disseminadas e contemplando as ondas que se quebram e estendem em branca espuma sobre as areias banhadas de sol. Mas é este o limite das suas excursões fóra da habitação.

Marion Davies, a-pesar das suas muitas relações e recepções que costumava dar, só aparece agora em público quando se trata de espectáculos de caridade. Encontra-se rodeada de amigos na sua vila de Santa Mónica, onde um praia particular lhe oferece o ambicionado isolamento.

E aí temos Joan Crawford, que é certamente uma autoridade em reuniões. Poucos membros da colónia de Cielândia concorreram com certeza a tantas fes-

Efemérides da semana

De 30 de Abril a 6 de Maio

Abril 30 (1920) — Estreia-se no «Condes», de Lisboa, a fita «Charlot ao Sol», com Charlie Chaplin.

Maio 1 (1930) — Publica-se o 1.º número do jornal «Kino».

2 (1923) — Depois de grande transformação na sua casa de espectáculos, reabre com cinema o «Olimpia», do Porto, propriedade de Raul Lopes Freire, Ltda. O filme de inauguração é «O Destino», da «Invicta», com Palmira Bastos.

3 (1919) — Estreia-se no «Central», de Lisboa, o filme «200 quilómetros à Hora», com Diomira Jacobini.

4 (1920) — Quando, nos estúdios da «Invicta-Film», do Porto, se filmava uma cena da película «O Barbanegra», um dos leões que aparecem nesta fita feriu o domador Guido Fazzio.

5 (1927) — Funda-se a Academia Americana das Artes e Ciências Cinematográficas.

6 (1921) — Casam Doris May e Wallace MacDonald.

(Continua na página 15).

Dentro e Fora dos Estúdios

“COLECCÃO DE SEMPRE”

Continua ainda em distribuição para os leitores de CINEMA, a obra intitulada

“O Amor Vence”

É um delicioso volume de 128 paginas, recheado de um texto pleno de interesse, semeado de situações profundamente emocionantes, por vezes dolorosas, cujo desfecho feliz é como um belo sol bonançoso após a mais violenta das tempestades.

“O Amor Vence”

é fornecido a todos os leitores do Porto, Lisboa, Provincia, Ilhas e Africa mediante a apresentação das senhas 10 a 13 e o pagamento das importancias abaixo designadas, nas casas que a seguir indicamos:

PORTO...

Papelaria A. J. de Almeida — P. Guilherme Gomes Fernandes, 60.

Papelaria da Moda, (Almeida & Filhos) — Rua de Santa Catarina, 280.

Tabacaria Central da Trindade — Travessa da Trindade, (no Edificio do Salão Jardim da Trindade).

LISBOA...

Agencia Internacional de Livraria e Publicações, L.da — R. do Crucifixo, 31-2.º.

Provincia, Ilhas e Africa... todas as agencias de venda de CINEMA.

IMPORTANCIAS A PAGAR

Porto e Lisboa 1\$20
Provincia e Ilhas..... 1\$50
Africa 1\$90

Os leitores desta cidade estão naturalmente dispensados da apresentação de senhas, devendo por isso fazer-se acompanhar dos numeros 10 a 13 quando forem fazer a requisição.

Está no prelo a terceira obra desta colecção

“A Vingança do Moribundo”

de Felix Léonnec, destinada aos portadores das senhas 14 a 17.

Como os jornais diários informaram oportunamente, faleceu ha dias em Paris o conhecido actor Pierre Batcheff, que contava 24 anos de idade. A sua morte, ao contrário do que foi noticiado, não foi devida a crise cardíaca, mas sim a envenenamento accidental. Entre os principais filmes de Pierre Batcheff contam-se «O Jogador de Xadrez», «Os 2 tímidos», «Amores da Meia-Noite» e «O Rebelde».

Tambem faleceu ha dias em Londres a actriz Betty Amann, que vimos em «O Diabo branco» e «Asfalto».

A actriz Blanche Friderici foi acrescentada ao elenco da fita “Love Me Tonight”, que Rouben Mamoulian está dirigindo para a “Paramount”, com Maurice Chevalier. Myrna Loy também toma parte na interpretação.

Victor Boucher, o actor francês que interpretou “A Doçura de Amar” e “O Rei da Sorte”, foi contratado por Jacques Haik para desempenhar o protagonista de “A vinha do Senhor”, “O Processo Orlandi” e “O Banco Negro”.

Thommy Bourdelle, o excelente actor francês, que vimos ha tempos no papel de general de “O Rebelde” e recentemente no fotógrafo Gustavo, de “Traição”, é o interprete do papel do Detective Juve, da fita “Fantomas”.

O actor francês André Luguet está fazendo nos estúdios da “First National”, em Burbank, a versão francesa de “High Pressure”, que levará o título “Le Brasseur d’Affaires”. Luguet interpreta o papel que William Powell faz na versão inglesa.



Jean Murat, um dos mais populares actores franceses, numa cena de “Um homem feliz”, uma produção Erich Pommer, da “Ufa”, cantada e falada em francês. E sabem quem é a primeira actriz? A nossa querida Kate de Nagy, que com Jean Murat fez “A Loucura de Monte-Carlo” e que ainda ha pouco vimos em “A Princesa Encantadora” (“Ronny”)

O realizador polaco Michel Waszynski partiu para a Africa, onde vai fazer uma fita com Adam Brodzisz, Eugene Bodo, Nora Ney e Marie Bodga.

Uma nova actriz francesa dos «Films Osso» é Lisette Lanvin, que acaba de ser crismada Lisette Lyselle. Foi escolhida por Noe Bloch, Tourjansky e Henri Decoin, entre 300 candidatas. A «Osso» firmou com Lisette Lyselle um contrato por 5 anos.

Marie Glory, que ha pouco vimos em «Amorosa Aventura», vai interpretar para «Vandal-Delac» uma fita original de Julien Duvivier, que levará o título «La Venus du Lycée».

Kay Johnson, que vimos recentemente em «Madame Satan», foi contratada pela «Columbia», para a primeira figura feminina duma película cujo título provisório é “Faith” (“Fé”).

Os artistas da «Warner Brothers» que entram no filme «A Sucessful Calamity» ofereceram a George Arliss, o principal interprete, uma taça de ouro, pelo seu belo desempenho nesta película.

Marlene Dietrich e Josef von Sternberg saem da Paramount?

Hollywood, 27—Ha já alguns dias que Josef von Sternberg manifestara aos dirigentes da “Paramount” em Hollywood o seu descontentamento pelo cenário de “Deep Night”, o novo filme que ele deveria dirigir com Marlene Dietrich. Os “executives” daquela casa insistiram e Von Sternberg recusou-se a realizar aquela película. Marlene Dietrich, por sua vez, recusou-se a trabalhar com outro director que não fosse Josef von Sternberg, e a “Paramount” suspendeu-lhes os vencimentos.

O assunto tem sido aqui muito discutido, havendo até quem veja neste escândalo um estratagemu de B. P. Schulberg, da “Paramount”, para um melhor lançamento de “Deep Night”.

Jean Harlow...

Os seus gostos e as suas actuações

A fascinante loira, protagonista de «Prisão de ouro» e de «Abismos de Paixão», dois filmes da «Columbia», apesar das sugestivas e perturbadoras interpretações que já conta na sua carreira artística, é ainda de menor idade.

A popularidade desta rapariguinha de olhos inquietantes e linhas encantadoras, espargiu-se no mundo como o fogo numa pradaria.

Muito afeiçoada ao seu trabalho, vive por assim dizer escravizada à objectiva, só assim se explicando que em menos de 8 meses tinha sido a protagonista de sete produções importantes.

Em «Abismos de Paixão», talvez a sua coroa de glória, faz o papel de uma provinciana ingénua que transita bruscamente da humildade de uma vida simples para o torbelinho ofuscador de Nova-York, trocando a indumentária singela pelas sedas e pelos brocados... Ao luxo seguem-se as tentações, o êxito no mundo dos prazeres, que exige o sacrifício da virtude... Mas a provinciana deliciosa e escultural sai incolume do turbilhão devastador para voltar desiludida à aldeia natal, até onde a segue o sincero afecto do homem que chegou a amar no ambiente dissolvente da urbe tentadora e malvada.

A sua graça e o seu encanto maravilhoso encheu todo o filme. Em trajos sobe-bos, em negligés ou em toilettes íntimas, as custosas sedas parecem adaptar-se às suas carnes como numa carícia, fazendo ressaltar a sedução das suas formas esplendorosas.

Jean Harlow tem gostos muito simples.

Não usa preparados especiais para os cabelos. Um bom chapeau basta-lhe para lhes conservar o encanto natural.

Não pratica os desportos, mantendo a linha à custa de massagens.

Encantam-na o football, o cinema e a dança.

O seu prato favorito consiste em costeletas de porco.

Tem um franco especial pelos cães (Quem fôra cão!)

C Desgosta-se quando os jornalistas interpretam mal as suas palavras ou deturpam as suas confissões. Enfatiam-na os vendedores ao domicílio, tem aversão aos banhos de mar e detesta as pessoas afectadas e pretensiosas.

E Jean Harlow é simples, sempre amável para com todos aqueles que dela se aproximam, seja qual fôr a sua condição social, e tem um bom humor natural à prova de contrariedades.

A Oxalá o êxito não anule estas belas qualidades!

Pelos nossos Cinemas

TRAIÇÃO (Tumultes): — Que bem que sabe, ao cinéfilo dedicado, um filme como este, onde tudo é beleza cinégráfica, onde tudo respira cinema, cinema do melhor!

Primeiro, parabens ao grupo literário da película — Roberto Liebmann e Hans Mueller, que escreveram o argumento e o cenarizaram e a Yves Mirande, que lhe deu o diálogo francês. O assunto não é novo e, se sofresse ligeiras modificações e a acção decorresse num circo, seria o de «Variedades». O motivo básico e certos quadros construtivos do movimento são os mesmos. O que, no entanto, em nada diminui o valor do cenário. E é com prazer que se verifica como o pafarrado inútil vai desaparecendo das novas produções filmicas, como as películas vão assentando em situações «cinema», que não em situações «teatro» ou «literatura», e como os diálogos absolutamente indispensáveis são bem cuidados, e tomam o aspecto de acessórios, como,



na generalidade, o mobiliário e as decorações.

Em seguida, cumprimentos ao grupo realizador — o director Robert Siodmack e o produtor Erich Pommer. O filme desliza sem socacos, suavemente, e, a dentro mesmo do ambiente de *underworld* em que decorre, com situações empolgantes, que fazem vibrar os nervos e palpar mais forte o coração, essa «suavidade» não deixa de existir. A cena em que Ralph vai para seingar do rival e, em frente das duas mulheres, abre uma navalha de ponta e mola... para cortar uma maçã (se bem que já apresentada por Fritz Lang em «Matou») tem movimento intrínseco, como o tem igualmente o diálogo, no parlatório da prisão, entre Ralph e Ania, por muito paradas que pareçam tais cenas. E como estas, outras, muitas outras.

E, finalmente, as felicitações para o grupo interpretativo de «Traição», à frente do qual, muito à frente, Charles Boyer e Florelle.

Charles Boyer, que em «Barcarola de Amor» nos deu um desempenho simplesmente aceitável, afirmou na versão francesa de «O Presídio» excelentes qualidades de actor de cinema, tam grandes como as que lhe dão fama de grande actor do teatro francês. «Traição» é, porém, a sua consagração definida e decisiva.

Ao encarnar o protagonista Ralph

Schwartz da versão francesa de «Traição», Charles Boyer tinha sobre si uma responsabilidade tremenda — a de interpretar um papel que na versão alemã fôra desempenhado por Emil Jannings. E ante essa responsabilidade e o receio de confrontos, Charles Boyer poderia, às vezes, intimidar-se e inferiorizar-se. Mas não! Esse confronto serviu apenas para o estimular e obter dele um estudo observadíssimo da sua personagem, uma meticulosidade invulgar na reprodução dessa característica figura de bandido — de um bandido com coração para amar como qualquer mortal... Estudou-o bem, compreendeu-o e exteriorizou-se com o máximo de inteligência ao serviço duma grande capacidade artística. Não se excedeu numa frase, nem se amesquinhou numa atitude. A sua irritação, como o seu sorriso, como as suas reticências, foram-nos transmitidas com a mais recortada precisão, com a mais natural propriedade. Charles Boyer convenceu-me e convenceu todo o público.

Odette Florelle foi uma surpresa para os cinéfilos. A sua Ania revelou-nos uma grande actriz francesa. Sentiu, «viveu» maravilhosamente a figura da *gigollette* que interpreta mantendo-se num grande nível artístico, da primeira à última cena. Foi uma digna parceira de Charles Boyer. Podem estar satisfeitos. Emil Jannings e Anna Sten, respectivamente no Ralph Schwartz e na Ania da versão alemã de «Traição» poderiam igualar Boyer e Florelle, mas não poderiam tê-los ultrapassado. Marcel André, no Comissário, e Thomy Bourdelle, no Gustavo, desempenham com bastante naturalidade duas figuras curiosas. Armand Bernard... mas que diabo veio o Armand Bernard fazer nesta fita?

E com um último cumprimento para o fotógrafo Rittau, fecho as minhas ligeiras referências a este primoroso filme. Ligeiras, porque o espaço aperta e, principalmente, porque dois dias de cama privaram-me de ver «Traição» logo na estreia e da possibilidade de ver este filme mais uma vez. E para uma crítica cuidada, filmes como este precisam de reiterada observação.

Autores: Robert Liebmann e Hans Muller. Cenaristas: os mesmos. Adaptador francês: Yves Mirande. Autor musical: Friedrich Hollaender. Letra de Jean Boyer. Fotógrafo: Gunther Rittau. Decorador: E. Kettelhut. Director de som: P. Thiery. Realizador: Robert Siodmack, com a colaboração de André Daven nesta versão francesa. Interpretes: Ralph, Charles Boyer; Ania, Odette Florelle; Yvonne, Clara Tambour; Gustavo, Thomy Bourdelle; O Comissário, Marcel André; Willy, Robert Arnoux; Max, Lucien Callamand; Paul, Marcel Vallée; Emmerich, Louis Florencie; O director da prisão, G. De-neubourg; O gago, Armand Bernard.

Produzida em 1931-32 pela «Ufa» (Erich Pommer). Programa Agencia Cinematográfica H. da Costa, Lda. Estreada no «Águia d'Ouro» em 18 Abril 1932.

ANNY NO PARAISO (Une Nuit ao Paradis): — Um filme de Anny Ondra é, quasi sempre, muito semelhante a outro filme de Anny Ondra. E como os distribuidores se lembraram de apresentar em 7 meses 4 películas da endiabrada e popular actriz checa, resulta que o interesse



A Jean Harlow, da «Columbia», mandou-nos êste seu recente retrato, lindo estudo de branco e preto. Que tal acham Vocês esta «platinum blonde»?

e o agrado que as últimas poderiam despertar se fossem apresentadas mais espaçadamente, sofrem agora grandes restrições. Com uma agravante. A de as duas últimas serem dialogadas em francês, que Anny Ondra fala com muita dificuldade. E se é certo que essa dificuldade e a sua pronúncia salientam mais ainda a nota cômica das figuras que interpreta, também é verdade que ela não se sente muito à vontade com as suas expressões em francês e perde em naturalidade de representação pessoal o pouco que o filme pode ganhar por ser falado em francês. Eu cá, prefiro Anny Ondra em alemão. E «Anny na Alta Roda» e «Anny no Paraíso» ficam aquém de «Anny faz tudo» e «Mam'zelle Nitouche».



O que não quer dizer que «Anny no Paraíso» não tenha qualidades de agrado. Tem muitas qualidades comerciais, o que quer dizer que o público gosta do filme. Anny sai afrosamente das situações difíceis em que se vê colocada — e aí emprega a fundo as suas múltiplas qualidades de fantazista. Depois, as legendas estão traduzidas com graça, colocadas com muita oportunidade, o que realça o valor do filme.

Karl Lamac utilizou em certas ocasiões a ligação de cenas diversas pelo encadeamento de frases proferidas como «deixa», e fê-lo com êxito. Não apresentou uma novidade, mas soube empregar tal processo de modo a facilitar a montagem, valendo-se duma possibilidade que o cinema silencioso nunca poderia dar.

«Anny no Paraíso», que está musicalmente comentada com acerto, que inclui lindíssimas e modernas decorações — e o interior da casa de móveis é de requintado gosto e modernismo — que possui um bom elenco interpretativo onde, além de Anny Ondra, se destacam Marcel Carpentier e Rognoni, e onde apenas Robert Pizani, no banqueiro Harris, exagera por vezes, é uma comédia agradável, com qualidades de satisfazer à maioria do público.

Autores: Wassermann Shlee e Lantz. Cenaristas: Os mesmos. Realizadores: Carl Lamac e Pierre Billon. Autor musical: Marc Roland. Intérpretes: *Monique Bécheue*, Anny Ondra; *Huguette Fluet*, Nadine Picard; *Cezar Fluet*, Marcel Carpentier; *Allain Harris*, Robert Pizani; *Papa Bécheue*, Rognoni; *Mamá Bécheue*, Odette Talasac.

Produzida em 1932 pela «Vandor Film». Programa Castelo Lopes, Lda. Estreada no «Aguia d'Ouro» em 26 Abril 1932.

O TENENTE SEDUTOR (The Smiling Lieutenant): — Um filme de Chevalier é sempre uma grande atracção de

bilheteira, isto é, sempre chama muito público, mesmo que se não trate duma película de grande categoria. Agora, porém, com «O Tenente Sedutor», o interesse e o agrado do público estão perfeitamente justificados, porque se trata do melhor filme de Chevalier, aquele em que a sua interpretação é mais completa, em que as suas possibilidades de actor são melhor aproveitadas, amplamente demonstradas, no género alegre que adoptou e que tanto é da simpatia do espectador.

O seu «Niki» de «O Tenente Sedutor» foi desempenhado com o máximo de aproveitamento, e nenhum outro actor o faria com mais propriedade. Willy Fritsch — e recorde-me agora de lhe ter feito um grande elogio na crítica que há 6 ou 7 anos fiz a «Sonho de Valsa» — interpretou-o muito bem no filme silencioso que Ludwig Berger realizou da opereta de Strauss, mas não o faria melhor que Chevalier no cinema falado. Chevalier «vestiu» com requintada elegância o seu papel, que lhe assentava como uma luva, e, além disso, alegrou-o extraordinariamente, sublinhou-o com a intenção dos seus sorrisos, com a expressão do seu olhar galato, emprestou-lhe o máximo da sua personalidade, sempre *chez-soi*, num à-vontade muito grande, que parece dom generalizado aos artistas que trabalham nos estúdios do lado de lá...

Claudette Colbert interpretou com alma a sua Franzl. Excelente a sua dição em algumas frases, e magnífica a intenção com que cantou «*Mettez, mettez du jazz...*», com Miriam Hopkins. Esta, que vi pela primeira vez, apresentou-se como uma verdadeira revelação. A transição de princesa-demodée para mulher-jazz bastaria para a classificar uma es-
perançosa promessa. George Barbier, muito bem no soberano de Flauesenthurm, e George Henri (que alguns críticos de Lisboa confundiram com Charlie Ruggles, de-certo porque este é apresentado indevidamente na distribuição do filme) fez sem dificuldade o pequeno papel de Max, que Charlie Ruggles interpreta na versão inglesa.

Se Chevalier tem neste filme a sua maior e melhor interpretação, «O Tenente Sedutor» nem por isso lhe pertence exclusivamente. O filme é, principalmente, de Lubitsch. De Ernst Lubitsch, o realizador europeu que é um dos melhores directores... americanos. «O Tenente Sedutor» tem do melhor Lubitsch. Não do Lubitsch de «A Mulher do Faraó» ou de «Sumurum», com os seus milhares de personagens, as suas evocações mais ou menos históricas, os seus esbanjamentos aparatosos que constituíam, há muitos anos, as qualidades duma «excepcional» película europeia, porque, nesse tempo, só o Sjöstrom, com «O Carro Fantasma» e Dreyer com «Amo e Senhor» nos davam bons filmes sem serem luxuosos filmes — e o René Clair ainda andava de calção... Refiro-me ao Ernst Lubitsch dos últimos anos, ao animador dessa joia cinematográfica que foi «The Marriage Circle» (não há meio de o «Eu Sei Tudo» se recordar do título com que foi exibida em Portugal esta fita de «Warner»), de «O Leque de Lady Margarida», de «Monte-Carlo», ao realizador onde em cada cena se nota a subtilidade da sua

ideia, a malícia da sua intenção, sem sair dos limites que cabem dentro de todas as platelas, à metáfora das suas imagens, numa riqueza de linguagem cinemática que só os realizadores talentosos possuem. E esta linguagem toma acentuado relêvo em «O Tenente Sedutor», onde em cada quadro há, por assim dizer, a assinatura bem gravada de Ernst Lubitsch.

O filme tem algumas canções que se dispensavam. Mas o sentido delicioso com que Maurice Chevalier canta em pijama, no fim da película, o «Tarata-tata-tatata», o dueto «Un Déjeuner d'Amoureux», com Claudette Colbert e Chevalier, e a lição de Colbert a Miriam Hopkins, cantando «*Mettez, mettez du jazz*»



podem contar-se como parte integrante de «O Tenente Sedutor», que, não sendo uma produção de absoluto cinema, é, a despeito dum espectáculo de primeira categoria, um obra onde há muitos pedaços de bom cinema, do mais cinemático Lubitsch.

Autores: Leopold Jacobson e Felix Dornmann — «Sonho de Valsa» e Hans Muller — «Nux Der Prinzgemahl». Cenaristas: Ernst Vajda e Samson Raphaelson. Adaptador desta versão francesa, Battaille Henri. Autor musical: Oscar Strauss. Fotógrafo: Georg Folsley. Director de som: Ernest Zatorsky. Realizador: Ernst Lubitsch. Intérpretes: *Niki*, Maurice Chevalier; *Franzl*, Claudette Colbert; *Anna*, Miriam Hopkins; *Max*, George Henri; *O rei de Flauesenthurm*, George Barbier; *O criado*, Hugh O'Connell; *Ajudante*, Von Rockoff, Robert Strange.

Produzida em 1931 pela «Paramount». Programa «Paramount Films S. A.». Estreada no «Trindade» em 19 Abril 1932.

AMORES DUMA DIVA (A Lady's Morals): — Grace Moore, cuja voz maravilhosa já havíamos admirado em «Lua Nova», é a razão de ser de «Amores duma Diva».

Todo o filme se desenrola à volta da célebre actriz cantora, *prima-donna* do elenco da Metropolitan Opera, de Nova-York, com pretextos vários para que Grace Moore nos delicie com a demonstração potente das suas grandes qualidades de cantora.

E como foi êsse o objectivo que se pretendeu, claro que se descurou a parte cinográfica, prejudicando-se inteiramente a movimentação, o ritmo, a essência cinográfica, para só se cuidar de ressaltar os dotes líricos de Grace Moore, finalidade alcançada com relativa facilidade, não sem que fossem preenchidos os vácuos do filme com palrações demasiadas, contínuas e sem interesse.

Grace Moore, cuja voz entusiasma

todo o público, é inferior actriz, mas defendeu-se razoavelmente da sua Jenny Lind. Reginald Denny, bem, na primeira figura masculina. Digna de nota a cena no seu quarto da hospedaria, quando, convencido, procura instruir a cantora. Wallace Beery, num papel mesquinho, não tem motivos para salientar-se. Bodil Rosing, na dama de companhia, destaca-se entre os restantes intérpretes.

«Amores duma Diva» é uma produção sem quaisquer partículas de cinema. Pode agradar aos amadores da ópera, só pela voz de Grace Moore.

Autora: Dorothy Farnum. Cenaristas: Hans Kraly e Claudine West. Fotógrafo: Georges Barnes. Director de som: Douglas Shearer. Realizador: Sidney Franklin. Intérpretes: Grace Moore,



Reginald Denny, Judith Voselli, Gus Shy, Bodil Rosing, Wallace Beery, Paul Porcasi, Giovanni Martino.

Produzida em 1930 pela «Metro-Goldwyn-Mayer». Proxima «Metro-Goldwyn-Mayer Films, Ltda.» Estreada no «Olympia» em 25 Abril 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA



As «estrélas» eclipsam-se

(Continuação da página 10)

tas como Joan. A-pesar disso, no ano passado, a alegre rapariga não apareceu uma única vez nos cafés nem nos restaurantes da moda.

«Já me não distral sair nem apresentar-me em público», diz ela. «Dantes, gostava de ir pelos cafés para ver a gente divertir-se. Agora, sempre que me apresento em alguma parte, sinto-me como numa caixa de cristal, em que todos me estudam, me analisam, me discutem e me criticam. Dá-me impressão de que todos os dedos me apontam.»

E é assim que o público vai ficando sem celebridades. Reina o isolamento em Hollywood.

Nada de desanimar!

Apareçam as «estrélas» portuguesas!

(Continuação da página 7)

nais! Persistência, coragem, paciência, estudo... Sobretudo, muita teimosia!...

Mandem fotografias ao Leitão de Barros, escrevam-lhe cartas, aborreçam os «respondedores» das secções de correspondência, — e cultivem os desportos!...

Sejam teimosos, mas saibam sê-lo!... A «S. F. S. P.» é um facto!... Não percam esta «chance»!... M. E.

Incontestavelmente o melhor receptor é o

M E N D E

Sonora — Radio

Rua 31 de Janeiro, 190 — PORTO

BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

Em pleno sucesso

O Rei da Graça

super-produção pelo famoso cómico

GEORGE MILTON (Bouboule)

Um êxito de gargalhada

PREÇOS POPULARES

A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

N.º 15

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA»

Desconto de 40 % no «Trindade» e 50 nos restantes, nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 5 e 7 de Maio

OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 5 e 7 de Maio

BATALHA — Matinée de Quinta-feira, 5 de Maio

CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 7 de Maio

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» tem os seguintes limites: 1.ª plateia, 200; 2.ª plateia, 50; 2.º balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

Castelo Lopes, L.^{da}

*a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos.*

apresenta as três maiores atracções da temporada:

AS LUZES DA CIDADE

com CHARLIE CHAPLIN (CHARLOT)



OS ANJOS DO INFERNO

com JEAN HARLOW e BEN LYON



A MULHER DUMA NOITE

com FRANCESCA BERTINI